
O cinismo e a exaltação da Filosofia prática

Rafael Parente Ferreira DIAS¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar o posicionamento do movimento cínico frente aos convencionalismos sociais e todo tipo de conhecimento que esteja desvinculado da vida prática. O cinismo, em especial Diógenes, empreendeu severas críticas de escárnio anti-social, na esperança de mostrar, pelo próprio exemplo de vida, a fugacidade e frivolidade da vida humana, a inutilidade de certas teorias filosóficas, a aversão à suntuosidade, o desdém à vida artificial.

Palavras Chave: Ética, Cinismo, Convencionalismo, Diógenes, Sociedade.

Cynicism and the exaltation of practical philosophy

Abstract

This article aims to present the position of the Cynic movement against social conventions and all the knowledge that is divorced from practical life. Cynicism, Diogenes in particular, undertook harsh criticism from anti-social scorn, hoping to show, by example of life itself, the transience and frivolity of life, the futility of certain philosophical theories, the aversion to sumptuousness, the shamelessness artificial life.

Key-words: Ethics, Cynicism, Conventionality, Diogenes, Society.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF), Rio de Janeiro - Brasil. Professor da Universidade Estadual de Roraima (UERR), Roraima

Introdução

Diógenes de Sinope² é um filósofo cuja preocupação encontra-se radicada no campo ético, isto é, no campo da ação humana. Esse é seu foco essencial, a mola propulsora de sua filosofia. Seus atos, mais do que suas palavras, são capazes de suscitar profundos questionamentos acerca de nosso próprio comportamento. Diógenes foi o grande inspirador do movimento Cínico. Tornar-se um cínico exige um assaz esforço que compromete o homem até suas raízes mais profundas. Segundo Dudley (2009), o cinismo foi o movimento filosófico mais rigoroso, mais austero, no tocante à concepção de uma filosofia entendida como forma de vida; destacaram-se por sustentarem um questionamento radical, por vezes inusitado, sobre nossos valores, nossas vidas, crenças, moralidade. Ao realizarem tais críticas, os cínicos queriam indicar que o conceito que temos sobre a vida, a sociedade, a liberdade, ou a felicidade, está absolutamente equivocado. Diógenes quer nos mostrar que estamos indo para o caminho contrário da verdadeira vida filosófica. Reviver os ensinamentos de Diógenes é entender a filosofia como uma maneira sábia de viver, a menos que o homem renuncie questões epistêmicas, metafísicas, ou qualquer tipo de conhecimento que não esteja vinculado ao campo moral, ao campo da ação humana, não será possível a aquisição da sabedoria.

Diógenes, o cínico por excelência

Diógenes configura-se como o paradigma do filósofo objetivo, um vigoroso defensor da filosofia prática. Inquestionavelmente, a História da Filosofia ficou marcada não pelos seus discursos, mas por seus atos, por sua maneira abnegada de viver. A Filosofia, com Diógenes, o cínico, torna-se a própria vida sabiamente vivida. O discurso filosófico é suprimido por atos morais cuja vivacidade excede as simples palavras. Sobre esse tema, temos a importante contribuição de Diógenes Laêrtius³ (2008, p. 159):

² Diógenes, o cínico, teria nascido em Sinope – florescente cidade grega ao sul da costa do Euxino (mar negro), numa região conhecida como Paflagônia – supostamente no ano de 413 ou 404 a.C. A data de seu nascimento, bem como inúmeras outras informações de caráter histórico, constituem problema recorrente, uma vez que os relatos que restaram sobre o mesmo são escassos, fragmentários, raramente saciam nossa ânsia por maiores esclarecimentos. Para maior aprofundamento, consultar a obra de Diógenes Laêrtius, mencionada na bibliografia deste artigo.

³ O trabalho de Diógenes de Laêrtius (Séc. III d.C.) é a principal fonte de informação que possuímos concernente a história da filosofia grega. O trabalho é valioso porque contém uma coleção copiosa de anedotas ilustrativas da vida e da doutrina de inúmeros filósofos gregos.



Diógenes dizia que os homens competem cavando fossos e esmurrandose, mas ninguém compete para tornar-se moralmente excelente. Admirava-se vendo os críticos estudarem os males de Odisseus apesar de ignorarem seus próprios males [...] ou os oradores cansarem-se de falar em justiça, mas não a praticarem [...]

Ademais, Diógenes escolheu uma vida austera, demasiadamente simples, sem luxo, sem casa, sem pátria; seu único objetivo era defender, como um cão feroz, a sua filosofia de vida; contentava-se com o estritamente necessário à sua sobrevivência, desprezava a suntuosidade, tinha aversão ao prazer, negligenciava as convenções sociais, considerava inútil o estudo metafísico. “Sem cidade, sem lar, banido da pátria, mendigo, errante, na busca diuturna de um pedaço de pão” (LAËRTIUS, 2008, p. 161). Todo esse desapego vivido por Diógenes pode ser percebido, conforme Navia (2009), no próprio significado da palavra “cínico”, que quer dizer “canino”. De fato, a palavra “cinismo” nos remete à palavra grega “κύν”, cujo significado é “cão”. Portanto, cínicos ou “κύνικοι” seriam os filósofos caninos. Outra explicação é a de que “cinismo” seria uma derivação do nome “Κυνόσαργες” ou “Cinosarges”, ginásio ateniense onde os filósofos cínicos supostamente se reuniam. Relatamos a seguir a contribuição de Cazé e Branham sobre esse assunto:

[...] Há duas etimologias concorrentes. De acordo com uma delas, a palavra vem do ginásio em que Antístenes costumava ensinar, o Cinosarges, dedicado a Hércules [...] A segunda etimologia é bem mais plausível: ela remonta a uma piada que comparava Diógenes (ou Antístenes) a um cão, presumivelmente porque seu modo de vida assemelhava-se ao de um cão - ou seja, era “cínico” [...] (2007, p. 14, 15).

Viver como um cão é perambular, sem rumo, indiferente à honra e à glória, aniquilando todo o orgulho e cobiça e fazer da filosofia um modo desapegado de vida. Diógenes, o cão, era assim conhecido devido ao seu estilo exótico de vida; avesso às formalidades e convenções sociais, rejeitava toda classe de pudor coletivo. Aristóteles comenta em seu livro *Retórica* o porquê desse epíteto:

Há quatro razões pelas quais os cínicos são nomeados. Primeiro, por causa da indiferença e, ao modo de cães, comem e fazem sexo em público, caminham descalços e dormem em tonéis pelas encruzilhadas. A segunda razão é que o cão é um animal impudente eles cultuam a impudência como algo não abaixo da moderação, mas a ela superior. A terceira razão é que o cão é um bom guardião e eles guardam os princípios de sua filosofia. A quarta razão é que o cão é um animal



discernidor, que pode distinguir os amigos dos inimigos. Assim, reconhecem como amigos os que se adaptam à sua filosofia e os acolhem gentilmente, ao passo, dos que não se ajustam, afastam-se latindo para eles. (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1411b, 24 apud NAVIA, 2009 p.77).

Nota-se que a maior parte dos relatos históricos sobre os cínicos referem-se sempre aos seus hábitos, às ações extravagantes, à sua maneira de viver filosoficamente; seus ensinamentos foram transmitidos através de exemplos práticos de vida, ao ar livre, diante de todo o povo. Não era necessário, em absoluto, subir em um palco e discursar sobre os benefícios da virtude, bastava pura e simplesmente praticá-la. Eis então a maior forma de ensinamento cínico: o conhecimento direto, prático, objetivo, não-discursivo.

Vida simples e natural: Um atalho para a virtude

Com a intenção sempre constante de uma filosofia prática, o movimento cínico buscou com máxima intensidade ser o mais fiel possível ao compromisso socrático de viver uma vida de busca. Ou seja, consagrar todas as ações a serviço de um ideal filosófico moral. Abaixo, vemos uma importante citação de Monique Canto:

Um tema parece caracterizar a reflexão moral das filosofias helenísticas, tema já presente nas escolas oriundas do socratismo: saber de que maneira viver e como a filosofia pode ajudar para isso. O cinismo quis fazer da filosofia moral uma questão de exercício de prática, de ascese, e não de raciocínio e de conhecimentos. (SPERBER, 2007, p.103).

Também Foucault em um seminário intitulado “Parrhesiasts – Diogenes: the cynic philosophers and their techniques” menciona a importância de se compreender o movimento cínico não por textos filosóficos, mas por seus exemplos de vida:

Na tradição platônica, aristotélica e estoica, filósofos referiam-se principalmente a uma doutrina, texto, ou pelo menos para alguns princípios teóricos da filosofia deles. Na tradição epicurista, os seguidores de Epicuro referem-se a uma doutrina e ainda para o exemplo pessoal dado por Epicuro – o qual todo epicurista tentava imitar. Epicuro originou a doutrina e era também uma personificação dela. Mas agora na tradição cínica, as principais referências para a filosofia não são textos ou doutrinas, mas as vidas exemplares. Exemplos pessoais também eram importantes em outras escolas filosóficas, mas no movimento cínico – onde não existiam textos estabelecidos, nenhuma doutrina asentada ou reconhecida – referências eram sempre feitas a certas per-

sonalidades reais ou míticas que eram tomadas como fontes. (FOUCAULT, 1983, p. 3).

Por meio dessa citação de Foucault, percebe-se que a virtude, para os cínicos, longe de ser uma ciência teórica, é antes de tudo, uma prática, um exercício constante de atos morais. Não existe um cânon cínico, um modelo ético ao qual o indivíduo deve conformar-se. Ao invés de perder tempo com fórmulas morais abstratas, os cínicos saltam por cima dessas sutilezas insensíveis da razão, e encontram o “atalho para a virtude⁴”. Para desembaraçar a vontade do que a corrompe, propõe-se uma “via direta”, sem inclinações, isenta de desvios, com único foco e única meta – a vida feliz. O “atalho para a virtude”, ou “via curta”, a que se propõe a filosofia cínica, opõe-se à “via longa”, o caminho dos esforços intelectuais inúteis. A “via curta” prescinde o doutrinamento e a sistematização do saber, joga-nos diretamente ao encontro da experiência, não perde tempo com conceitos, porque conhece o limite e a fugacidade dos mesmos, compreende a superioridade do “viver” em detrimento ao “conceituar”, percebe a fluidez e sabedoria da vida natural, e unindo-se a ela, toma-a como guia de suas ações, pede-lhe auxílio e como moeda de troca outorga-lhe sua obediência. Eis a filosofia cínica como forma de vida! O “atalho para a virtude” configura-se como o caminho da vida simples, da via natural, sem luxo, com o mínimo possível, sem preferências de nenhuma espécie. Segundo Cazé e Branham (2007), esse “atalho” era árduo e difícil, porque requeria a aplicação de um método rigoroso – *askesis* – cujo aprofundamento será abordado no fim deste artigo.

Diógenes, com seu exemplo, também ensinou o poder do inusitado, da espontaneidade, de saber adaptar-se a qualquer situação, a nunca depender dos códigos de conduta para tomar decisões, mas pautar-se exclusivamente em si mesmo, na própria razão, como guia de nossas ações. Para corroborar com esse tema, apresentamos esta passagem da vida de Diógenes: “Perguntaram-lhe o que ganhava com a filosofia, e a resposta foi: ‘No mínimo estar preparado para enfrentar todas as vicissitudes da sorte’” (LAËRTIUS, 2008, p.169). Ora, a vida nem sempre guarda doces favores aos ho-

⁴ Essa fórmula foi escolhida pelo estóico do século II a.C., Apolodoro de Selêucia, para definir a moral cínica. Aconselhamos, para aprofundamento, a leitura da página 262 do Dicionário de ética e Filosofia moral de Monique Cantho, cuja referência bibliográfica encontra-se neste artigo.

mens, qualquer um está sujeito a toda classe de infortúnios. Então o que fazer? A resposta cínica, conforme os moldes da “via curta”, é exata, direta: o problema não é a vida, mas a maneira covarde como a enfrentamos.

Segundo Laërtius (2008), certa vez Diógenes teria dito: “Coragem, a cor da excelência moral!” Coragem! Não há virtude mais eficiente para o homem conseguir afirmar sua própria existência. Afirmar a vida com coragem é lapidar nossa subjetividade, livrar-nos de regras e condutas estereotipadas cuja intenção, ainda que pareça nobre, torna-se sombria, pois entorpece a razão humana, transforma-nos em sombras, não permitindo o acesso à sabedoria; vexatória situação a que os homens se entregam, prescindindo de suas próprias certezas, transformam-se em seres disciplinados, porém prisioneiros, tementes a regra que escolheram como pai de suas ações – o resultado é o enfraquecimento do espírito! Débeis na decisão de suas próprias existências. Delegar ao outro (doutrina aristotélica, platônica, políticos, religiosos, etc.) o poder de nossas ações, é castrar nossa consciência, embotá-la, abandoná-la e despedaçá-la com a mórvida chama da esperança, que longe de trazer soluções, afunda-nos no lodo do não-ser, do *dar-ao-outro* o direito de minhas decisões. Triste fim! Ao contrário desse infeliz panorama, a proposta cínica é a emancipação absoluta do espírito humano. Liberdade às decisões, aos costumes, à forma de pensar e atuar; contudo, não podemos confundir-la com puro anarquismo. Agir livremente, na visão cínica, é não transformar-se em um robô do sistema, é opor-se, fazendo prevalecer a própria subjetividade contra os convencionalismos sociais que, prometendo conforto, prosperidade, democracia, pensam trazer algum benefício aos indivíduos, porém os “reais” benefícios, isto é, a vida filosófica, a autêntica vida feliz, são ignorados.

A seguir, analisaremos uma passagem que apresenta o essencial da proposta cínica, ou seja, extrair da vida cotidiana ensinamentos que servirão de apoio para fundar suas bases morais:

Como é que pode? Cá está um camundongozinho que usufrui das migalhas que caem de tuas mãos e se alimentam delas. Tu, pelo contrário, a despeito de tua inteligência clara, reclama e sofre por não seres capaz de obter bebida ou de se repastar com uma comida maravilhosa

nem de dormir em algum lugar sobre uma coberta confortável e bordada. (LAËRTIUS, 1972 apud NAVIA, 2009, p75.)

Aprender com um camundongo é algo bem insólito, porém, para Diógenes, essa é a filosofia mais elevada, a saber, extrair sabedoria com eventos naturais que podem refletir um conhecimento objetivo muito superior ao daqueles contidos em obras literárias, que exigem muita reflexão intelectual. No terreno laborioso da vida prática encontramos todas as dificuldades, todas as chaves para alcançarmos a sabedoria. Percebe-se também, por meio dessa passagem, a tendência ao desapego, a possuir apenas o necessário, a buscar o “atalho para a virtude”. Pierre Hadot (2004, p. 18), sobre esse assunto, faz uma importante análise: “A filosofia não é senão o exercício propedêutico para a sabedoria, não se trata de opor ou separar, de um lado, a filosofia como modo de vida e, de outro, um discurso filosófico que será, de alguma forma, exterior à filosofia”. Torna-se evidente que teoria e prática devem estar ligadas; é o “fazer” filosófico que torna um discurso valoroso, e não o contrário. Ademais, conforme o movimento cínico, não é o discurso, mas o modo de vida do filósofo que determina seu filosofar.

O anti-intelectualismo cínico: uma herança socrática

Sabe-se que certa vez Diógenes pediu a Platão vinho e alguns figos secos. Platão mandou-lhe, então, uma ânfora cheia de vinho. “Se alguém te perguntar qual é a soma de dois mais dois, o que responderás? perguntou Diógenes, vinte? Pois parece que tu nem dás o que te pediram, nem respondes quando és interrogado” (LAËRTIUS, 2008, p.159). Percebe-se que Diógenes tinha aversão ao excesso, a suntuosidade. Sua proposta era viver conforme a natureza, obedecer aos avisos naturais de seu próprio corpo, isto é, comeria quando sentisse fome, beberia ao sentir sede, cobrir-se-ia nos dias de frio, não guardava nada para si, não queria mais do que o estritamente necessário à sobrevivência. Deve-se notar, todavia, que a crítica que Diógenes faz a Platão não estava dirigida apenas aos excessos materiais, mas, sobretudo, aos intelectuais, cujo manancial de informação pode levar-nos insensivelmente a um distanciamento da esfera prática, da vida ordinária. Levando em consideração a abordagem filosófica cínica, é difícil pensar que, por exemplo, a Teoria das Ideias de Platão pudesse ter algum fim prático capaz de nos ajudar a ter uma vida melhor. Por isso, todo e qualquer tipo de

saber especulativo, sem utilidade objetiva, deveria ser rejeitado, tipificado como inoperante, inútil. Sobre a crítica ao intelectualismo, Hadot escreve:

Diógenes falou sobre as leituras e o modo de filosofar de Platão como uma perda de tempo, uma vez que, segundo Temístio, apenas os ensinamentos dos filósofos que podem estimular as pessoas para a ação e que, como unguentos agrídoces, podem irritar as chagas humanas, são dignos de alguma coisa. (HADOT, 2009, p. 87)

Outro ponto que podemos destacar não só da filosofia cínica, mas também de todas as filosofias helenísticas, é a importância dada à filosofia socrática e sua moralidade em detrimento às mesclas intelectuais que faziam Platão e Aristóteles. Gregory Vlastos defende a tese de que o pensamento socrático era fundamentalmente moral, questões metafísicas não era seu escopo. Por isso, Vlastos (1991) faz uma interessante distinção entre a filosofia socrática e platônica, indicando-nos que a importância que Platão deu à metafísica não era compartilhada com Sócrates. Ademais, Monique Canto, defende a tese de que é o Sócrates ético, moralista e não intelectual que buscam as filosofias que se desenvolveram no período helenístico. Essas escolas desenvolveram-se por vários séculos numa relativa indiferença às filosofias de Platão e Aristóteles. “É antes a Sócrates e às escolas socráticas, fundadas por ex-discípulos de Sócrates, que elas apelam” (SPERBER, 2007, p.102). Essa “relativa indiferença”, que no caso do movimento cínico torna-se muito mais acentuada, deve-se ao fato de que há em Platão e Aristóteles um forte traço ético, porém com acentuado intelectualismo e, por vezes, atrelado às concepções metafísicas ou epistêmicas.

O movimento cínico configura-se assim como opositor à metafísica e a qualquer doutrina excessivamente intelectual, não atribuindo qualquer relevância a tais estudos. Simpático ao moralismo socrático, porém mordaz às ciladas metafísicas de Platão, pois ao invés de encurtar o caminho em direção à vida feliz, lança-nos no labirinto das teorias e nos faz perder um tempo precioso de nossa existência. Vejamos um importante testemunho histórico de Laêrtius (2009, p. 165): “Ouvindo uma preleção de Platão sobre as ideias, na qual esse filósofo se referia a nomes como “mesidade” e “tacidade”, Diógenes ponderou: ‘A mesa e a taça eu vejo, Platão, porém tua mesidade e tacidade não posso ver de forma alguma’”. Em outra passagem, vemos como Diógenes

exalta o conhecimento prático em detrimento ao teórico: “És um tolo, ó Hegésias; preferes os figos secos reais, e não os pintados, porém queres adquirir a prática da vida nos livros e não na realidade cotidiana”. (LAËRTIUS, 2009, p. 164). Indubitavelmente, pelo menos na visão cínica outorgada por Diógenes, toda especulação intelectual, metafísica, epistêmica, configura-se como um desvio, uma pedra, por vezes atrativa, porém mortífera no caminho filosófico. Em outras palavras, o conhecimento metafísico de Platão e Aristóteles possui coerência discursiva, lógica argumentativa e por isso torna-se tão atraente aos olhos humanos. Mas, a questão central não pode ser esquecida, o objetivo cínico é viver de forma livre, espontânea, libertando-se de qualquer intelectualismo que possa desvirtuá-los da verdadeira meta: a vida sabiamente vivida, a vida feliz.

Os cínicos repudiam as frivolidades humanas, a ânsia excessiva pelo dinheiro, pelo poder, pela fama. Com semelhantes desejos, o homem torna-se um escravo de si mesmo e dos outros. Ele é um escravo de si porque seus desejos, suas chagas, denotam toda sua ignorância, sua falta de discernimento racional para guiá-lo em direção a uma vida mais refinada e menos voltada ao luxo e às glórias terrenas. Não obstante, também é escravo dos outros porque o objeto de suas buscas, não surgiu de si mesmo, de suas reflexões pessoais, mas são impostas pela sociedade, pelos convencionalismos sociais. O homem está seduzido, corrompido pelo luxo e prazer da vida material; sendo assim, o espetáculo já está montado e o gênero selecionado: uma comédia! Eis o espetáculo! A comédia da vida está lançada e o homem – desvirtuado – não percebe que é o ator principal; enquanto vangloria-se por miudezas, a sociedade bate palma, incentiva-o a ser cada vez mais consumista, orgulhoso, cobiçoso, afinal, sem frivolidades, não há espetáculo, a sociedade pára, não sabe viver sem elas. Portanto, tudo o que a sociedade entende como triunfo para a vida de um homem, é desprezado e visto como ignorância para o cinismo.

Referindo-se a esta maneira exótica de vida de Diógenes, diz Hadot (2004, p. 162, 163):

Ele não se ocupa absolutamente com as conveniências sociais e a opinião, despreza o dinheiro, não hesita em mendigar, não procura ne-

nhuma posição estável na vida; sem cidade, sem casa, privado de pátria, miserável, errante, vive o dia-dia. Seu alforje contém apenas o estritamente necessário para sua sobrevivência.

Viver uma vida filosófica, contrária aos ditames sociais, implica em um verdadeiro treinamento, um rigoroso exercício (*askesis*) de domínio sobre si mesmo. O rigor cínico é ocasionado pela persistência diária, pelo esforço sobre si, na perseverança contra seus mais terríveis inimigos: luxo, instintos passionais, desejos, cobiça, ganância, orgulho, etc. Apresentamos esta citação de Long sobre a disciplina cínica:

[...] Ele costumava oferecer provas de que a virtude era facilmente adquirida a partir do exercício [...] Ele dizia que nada na vida pode ser alcançado sem treinamento e que este pode superar qualquer outra coisa [...] De fato, o próprio desprezo do prazer é totalmente prazeroso depois que se torna habitual. Assim como os acostumados a viver prazerosamente acham desagradável passar para a situação oposta, aqueles cujo treinamento foi o inverso encontram mais prazer no desprezo aos prazeres em si. (LAËRTIUS, 1972 apud LONG, 2007 p. 48).

Longe de ensinar conteúdos formais e intelectuais, os cínicos ensinavam, pelo exemplo vivo, a forma de vida pela qual um homem pode libertar-se da ignorância e situar-se em um estado de imensa tranqüilidade de alma (*ataraxia*), isento de qualquer tipo de perturbação. Referindo-se também à disciplina de Diógenes, Cazé e Branham (2007, p. 37) declaram: [...] “Em vez de tais atividades vãs, Diógenes treinava-se para lutar contra adversários existenciais como exílio, fome, pobreza, e morte. Para ele, essa era a única batalha a ser vencida”.

O exercício cínico (*askesis*) configura-se como a forma mais objetiva de atingir a virtude. É justamente na luta contra os prazeres que os cínicos rompem com os moldes da sociedade. Sua singularidade reside no compromisso rigoroso de não se submeter aos convencionalismos, lutar pela virtude filosófica. Unida a esta pedagogia cínica da vida virtuosa, encontramos outra expressão: “desfigurar a moeda”!

Os cínicos não se abalavam diante das críticas despejadas sobre eles de todos os lados: declaravam-se, inequivocamente, filósofos e desafiavam todos os outros quanto ao título. Sua concepção de filosofia, porém, revela-se fortemente idiossincrática, uma vez que eles a definiam pelo ato de “desfigurar”. (CAZÉ E BRANHAM, 2007, p.34).

Desfigurar a moeda! Essa expressão marca o início do duro caminho filosófico daquele que é considerado o ideal, o mais perfeito dentre os cínicos: Diógenes. O espírito do Hércules grego é colocado à prova quando Diógenes interpreta a profecia do oráculo de Delfos⁵. Desfigurar a moeda é romper definitivamente com os costumes, política, religião, até mesmo com a própria filosofia, em outras palavras, é causar uma hecatombe generalizada na sociedade e seus valores, é rebelar-se contra o egoísmo e a degeneração dos costumes. Portanto, Diógenes buscou inverter, desfigurar, inovar, os valores religiosos, sociais, e filosóficos, com a firme convicção de que todas essas instâncias sociais estavam equivocadas quanto aos seus conceitos sobre os reais valores da vida. De fato, Diógenes colocou os problemas existenciais humanos como o centro principal de suas reflexões filosóficas.

A alguém que desejava estudar filosofia com ele Diógenes deu um atum e ordenou à pessoa que o seguisse com o peixe na mão. Essa pessoa envergonhou-se de levá-lo, lançou-o fora e foi-se embora. Algum tempo depois o filósofo a encontrou e disse-lhe rindo: “Um atum desfez nossa amizade”. (LAËRTIUS, 2008, p. 161).

Deve-se esclarecer que Diógenes buscava, sobretudo, a superação da mísera condição humana, ou seja, erradicar a padronização dos valores, afirmar o valor da subjetividade em detrimento ao poder coercitivo social, não permitir que sejamos capturados, como lebres dóceis, pela suja rede do convencionalismo, do consumismo, da cobiça social. Enquanto o homem permanecer preso às suas vicissitudes, acorrentado pelos apertados braços do senso comum, nunca encontrará a autêntica liberdade, a real felicidade. Libertar-se das amarras convencionais da sociedade, questionar os valores vigentes, refletir sobre os reais objetivos da vida, são pontos essenciais da proposta cínica. Afinal, a virtude é adquirida por meio de posição social, riquezas, mulheres, fama? A resposta cínica é rigorosa: absolutamente, não! Verdadeira virtude é o exercício constante de domínio de si, acurado controle de nossas paixões, desprendimento

⁵ O oráculo de Delfos profetizou que a missão de Diógenes era “Desfigurar a moeda”. Navia adverte-nos de que é possível interpretar esta profecia de duas maneiras: a primeira é literalmente, ou seja, Diógenes e seu pai teriam adulterado moedas, conforme o relato histórico de Diógenes de Laërtius. A segunda interpretação é simbólica, portanto “adulterar a moeda” significa romper com todo convencionalismo social, inverter valores, romper com os costumes, etc. Neste artigo privilegiamos a segunda interpretação em detrimento à primeira. Para maiores esclarecimentos, consultar: NAVIA, 2009, p.34.

material. Poderíamos resumir o conteúdo desse artigo com duas passagens, uma de Diógenes e outra de Sócrates que, do ponto de vista moral, são muito importantes para a História da Filosofia Grega: “Diógenes proclamava frequentemente que os Deuses haviam concedido aos homens meios fáceis de vida, porém os homens perderam de vista esse benefício, pois necessitam de bolos de mel, de unguentos e de coisas semelhantes.” (LAËRTIUS, 2008, p. 163). E ainda:

Achas minha vida miserável por que minha alimentação seja menos sã ou menos nutritiva que a tua? Porque meus alimentos sejam é difíceis de obter que os teus, os quais são mais raros e mais delicados? Porque os manjares que preparas te saiam melhor ao paladar que os meus a mim? Não sabes que quem come com apetite não tem necessidade de condimento, que a quem bebe com prazer, fácil é prescindir da bebida que não tem? (XENOFONTE, 1972, Mem. I, cap. II, 17).

Referências

CANTO-SPERBER, M. (org.). **Dicionário de Ética e Filosofia Moral**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

_____. **Filosofia Grega**. Paris, PUF, 1997.

CAZÉ, M.O.G. e BRANHAM R.B. (org.). **Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado**. São Paulo: Loyola, 2007.

DIXSAUT, M. **Le Naturel Philosophe**. Paris, Librairie Philosophique J. VRIN, 1994.

DUDLEY, D. **A History of Cynism**. London: Editora Methuen, 1937.

FOUCAULT, M. **Parrhesiasts - Diógenes: The cynic philosophers and their techniques**. Excerto de um seminário dado por Foucault em público no Campus UC Berkeley em 1983. Disponível em: <<http://foucault.info/documents/parrhesiasts/foucault.diogenes.en.html>>. Acessado em: 07/04/2014.

HADOT, P. **O que é a Filosofia Antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LAËRTIUS, D. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: Editora UnB, 2008.

LONG, A.A. **A tradição socrática: Diógenes, Crates e a ética helenística**. In: Marie-Odile Goulet-Cazé e R. Bracht Branham (org.), **Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado**. São Paulo: Loyola, 2007.

MOLES, J.L. **Cosmopolitismo cínico**, in Marie-Odile Goulet-Cazé e R. Bracht Branham (org.). **Os cínicos. O movimento cínico na Antiguidade e o seu legado**. São Paulo, Edições Loyola, 2007.

MONDOLFO, R. **Moralistas griegos**. Buenos Aires, Imán, 1955.

NAVIA L. **Diógenes, o cínico**. São Paulo, Odysseus, 2009.

SEDDON, K & C.D.YONGE. **An outline of cynic philosophy: Antisthenes of Athens and Diogenes of Sinope in Diogenes Laertius Book Six**. Raleigh: Ed. Lulu, 2010.

VLASTOS, G. **Socrates, Ironist and Moral Philosopher**, Cornell University Press, 1991

XENOFONTE. **Ditos e feitos memoráveis de Sócrates**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.